

## A dona contrariada

Ela estava ali sentada,  
do lado que faz sol-posto,  
com a cabeça curvada,  
um véu de sombra no rosto.  
Suas mãos indo e voltando  
por sobre a tapeçaria,  
paravam de vez em quando:  
e, então, se acabava o dia.

Seu vestido era de linho,  
cor da lua nas areias.  
Em seus lábios cor de vinho  
dormia a voz das sereias.  
Ela bordava, cantando.  
E a sua canção dizia  
a história que ia ficando  
por sobre a tapeçaria.

Veio um pássaro da altura  
e a sombra pousou no pano,  
como no mar da ventura  
a vela do desengano.  
Ela parou de cantar,  
desfez a sombra com a mão,  
depois, seguiu a bordar  
na tela a sua canção.

Vieram os ventos do oceano,  
roubadores de navios,  
e desmancharam-lhe o pano,  
remexendo-lhe nos fios.  
Ela pôs as mãos por cima,

tudo compôs outra vez:  
a canção pousou na rima,  
e o bordado assim se fez.

Vieram as nuvens turvá-la.  
Recomeçou de cantar.  
No timbre da sua fala  
havia um rumor de mar.  
O sol dormia no fundo:  
fez-se a voz, ele acordou.  
Subiu para o alto do mundo.  
E ela, cantando, bordou.